

Pré-Textos Espaciais: Edificando Pracialidades.

Pre-texts on space: building practicalities.

Pre-textos espaciales: la construcción del espíritu de plaza

Isabela Amaral DiMaio

Discente, USP, Brasil.
beladimaio@gmail.com

Jessica Fernanda Costa Vaccari

Discente, UNIP, Brasil.
jessicavaccaridesigner@gmail.com

Sérgio Antônio Santos Jr

Professor Doutorando, USP, Brasil.
arquiteturismologo.sergio@gmail.com



RESUMO

Este estudo verte-se sobre o centro da cidade de Jundiaí, onde o foco principal está no perímetro conhecido como polígono cultural, atualmente, encontra-se em degradação. A princípio, nossa proposta consiste na intervenção das praças, selecionando espécies ornamentais, tornando-as mutáveis. Subsequente, vislumbramos alguns terrenos vagos para construir um edifício fragmentado, mas que consubstanciam uma unidade de vizinhança, pela qualidade plástica. A orientação teórico-metodológica do projeto deriva da noção pós-estruturalista da filosofia e do movimento intervalar na arquitetura. O processo começa com diversos levantamentos da morfologia urbana e dos usos dos edifícios, desvendando, assim, a vocação dos lugares e novas propostas de usos. O resultado está em sintonia com a transitoriedade dos modos de vida cotidianos.

PALAVRAS-CHAVE: requalificação urbana, arquitetura intervalar, Jundiaí

ABSTRACT.

This study is about the Jundiaí's downtown, the main focus is on the perimeter known as cultural polygon, currently, it found in degradation. At first, our proposal consists in the intervention of the squares, selecting ornamental species, making them mutable. And then, we glimpse some terrain vagues to build a fragmented building in them, which are complemented by the plastic quality in a neighborhood unit. The theoretical-methodological orientation to project, comes from the philosophy post-structuralist notion and the interspaces movement in architecture. The process begins with different surveys of the urban morphology and of the building uses, thus, the vocation of places and new proposals of uses. The result is in tune with the transience of everyday ways of life.

KEYWORD: urban requalification, interspaces, Jundiaí.

RESUMEN

Este estudio se centra en el centro de la ciudad de Jundiaí, donde el foco principal está en el perímetro conocido como el polígono cultural, que actualmente se encuentra en degradación. Al principio, nuestra propuesta consiste en la intervención de cuadrados, seleccionando especies ornamentales, haciéndolas mutables. Posteriormente, vislumbramos un terreno baldío para construir un edificio fragmentado, pero que incorpora una unidad de vecindario, por su calidad plástica. La orientación teórico-metodológica del proyecto deriva de la noción postestructuralista de filosofía y movimiento de intervalos en arquitectura. El proceso comienza con varias encuestas sobre la morfología urbana y los usos de los edificios, desentrañando así la vocación de los lugares y nuevas propuestas de usos. El resultado está en sintonía con la fugacidad de las formas de vida cotidianas.

PALABRAS CLAVE: recalificación urbana, arquitectura de intervalos, Jundiaí



INTRODUÇÃO

Este estudo trata-se de uma acoplagem de duas reflexões feitas anteriormente¹, quando expusemos uma proposta de intervenção urbana, de caráter utópico, à comissão examinadora no trabalho final de graduação, centrados, ambos, na temática sobre a ressignificação da região central de Jundiaí/SP.

Em sintonia com a filosofia pós-estruturalista, que sempre teve o questionamento das estruturas estáveis e históricas do pensamento, carregadas de sentidos pertencentes à herança de Louis Sullivan de que “a forma segue a função”, suas derivas comportam, portanto, indagações sobre programa e uso, contexto e identidade. Surge daí a questão que irá permear todo esse estudo: se antes de uma aceitação de um fazer histórico, outorgado ao arquiteto um papel de definidor dos espaços e usos que esses deveriam abrigar, colocássemos a reflexão seus sentidos e significados, quais seriam as contradições?

Nesse sentido, ao tentar estabelecer uma regulamentação normativa de usos e funções – seja predial, seja urbana –, percebemos no momento contemporâneo a gradativa degradação dos centros históricos da cidade por não comportarem os ritmos efêmeros do cotidiano. A solução aqui foi incorporar, como o foi para os pós-estruturalistas, a (des)programação? Propor locais de imprevistas habitabilidades, pela a indefinição algo capaz que será capaz de estruturar um outro em si mesmo.

Para formular sua teoria, Igor Guatelli (2012) retoma o pensamento estruturalista francês, em diálogo com a filosofia desconstrucionista de Jacques Derrida que, enquanto intriga conceitual, reavalia pressupostos e possibilidades arquitetônicas, que influenciou o pensamento de muitos arquitetos desde a década de 1960.

A articulação com a obra derridiana inicia-se, então, pela gramatologia², ao interpretar que o espaço pode ser lido como um texto. Nesse tipo de associação, encontra-se enquanto elemento estruturador dos textos de Derrida, o “intervalo”, que é explorado por meio da hifenização de palavras-conceitos. O uso do hífen é recorrente em suas obras, como o traço que “ao mesmo tempo separa, desarticula, articula e une as palavras decompostas, abrindo a possibilidade de remarcá-las de sentidos e significados” (Guatelli, 2012, p.146).

O autor ainda nos explica que

o hífen (do grego, *hyphén*, que significa junto), o traço de união, é também espaço de afastamento, elemento que une e separa ao mesmo tempo, torna-se o intervalo suplementar capaz de remarcar de sentido a palavra (des)articulada. Ele passa a ser um suporte suplementar — lugar de outras suposições — no processo de ressignificação das palavras-conceitos. (idem, idem).

¹ Referimo-nos aos trabalhos “Des-continuidades construtivas: edificando parcialidades”, de Jessica Vaccari (2017); e “Pré-textos espaciais: requalificando e potencializando percursos e espaços”, de Isabela DiMaio (2018).

² Gramatologia é também o nome do livro. Cf. DERRIDA, J. (1973). *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva



São estas as instâncias do pensamento pós-estruturalista e do movimento intervalar em arquitetura, que nos alinhamos e nos referenciamos neste estudo. A luz dessas considerações, não fica difícil intuir o gesto crítico presente no título: “pré-textos” espaciais, pois, trata-se justamente de elementos que antevêm os agenciamentos espaciais do “porvires do ser” – o vir a ser, outro, em si mesmo – e, ao mesmo tempo, é um pretexto, um motivo, para intervir. Mas de que tipo?

Edificando pracialidades! Esse é nosso objetivo declarado: ressensibilizar as pessoas por meio daquilo que Eugênio Queiroga (2001) chama de “pracialidades”, também entendido como “espírito de praça”³, fornecendo subsídios de convívio, encontro e manifestações públicas em lugares em locais que hoje, estão em processos de deterioração e sendo evitados.

MÉTODO

A pesquisa parte de uma revisão de literatura, que norteia a produção teórica da arquitetura contemporânea. Nesse sentido, fundamental foi a obra de Kate Nesbitt (2006) “uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)”, que apresenta os eixos estruturadores do pensamento e da produção prática dos arquitetos pós-modernismo. Jacques Derrida é uma das figuras centrais para muitos arquitetos, como Bernard Tschumi, Rem Koolhaas, Zaha Hadid, Peter Eisenman entre outros, que, talvez, não diretamente, se apropriaram dos pressupostos derridianos para compor a sua obra. Com Igor Guatelli (2012), a mediação interpretativa de Derrida, encontramos exemplificações teóricas e tectônicas de uso e aplicabilidade dos conceitos por ele e por muitos arquitetos trabalhada, seja de forma intencional, mas, ainda sim, que possibilita ser entendida como subtexto do uso espacial.

Subsequente, foi feito o levantamento do perímetro urbano, onde identificou-se nesse recorte espacial, as áreas degradadas ou em processo de degradação, e identificamos dois momentos distintos: o primeiro, das praças; o segundo, dos terrenos vagos. Por meio da interpretação da morfologia urbana do perímetro, identificou-se como intervir nestes espaços sem a rigidez do programa arquitetônico.

DESENVOLVIMENTO

O trabalho desenvolveu-se diante de um olhar no centro histórico da cidade de Jundiaí e propôs a requalificação dessa área central. A proposta contempla a intervenção em sete praças situadas no Polígono Cultural, articulando-se a seleção de espaços vazios urbanos ao longo do percurso entre as ruas Barão de Jundiaí e Rosário.

³ Em sua tese de doutorado, Queiroga (2001, p. 238-246) desenvolveu o conceito de pracialidade. Tratou-se de reconhecer que as ações que outrora caracterizavam as praças públicas — convívio, encontro e manifestações públicas lugares por excelência da esfera pública geral e da esfera pública política (segundo os conceitos do presente trabalho), não mais se estabeleciam com exclusividade neste espaço livre público. As ações típicas da praça verificam-se nos mais diversos espaços em função dos diferentes contextos urbanos que assim lhes propiciam ocorrer.

Aqui, questões de vitalidade urbana são colocadas em xeque, pois após o horário comercial a região encontra-se deserta e as relações de convívio social, urbanidades, propiciadas desse “espírito de praça” almejado, são pouco praticadas; haja vista que o local dispõe da melhor infraestrutura urbana seja de transportes, saneamento, espaços públicos e outros da região. Ao analisar a morfologia urbana com esses espaços em degradação (Figuras 1 a 3), nos permitiu ratificar a importância pelo desenvolvimento desse perímetro urbano.



Figura 01: Mapeamento de uso e ocupação do solo: em vermelho e laranja-comércio/serviços; azul-institucional; amarelo-residencial; verde-praças. Fonte do mapa: GeoJundiá (2016). Edição e atualização dos levantamentos: Isabela DiMaio; Jéssica Vaccari (2019).



Figura 02: Mapeamento do estado de conservação: em verde, ótimo; em amarelo, regular; em rosa, péssimo e em vermelho, espaços vazios. Fonte: GeoJundiá (2016). Edição e atualização dos levantamentos: Isabela DiMaio (2019); Jéssica Vaccari (2019).



Figura 03: Mapeamento do gabarito: em azul claro, 1 pavimento; em azul médio, 2 -5 pavimentos; em azul escuro, mais de 6 pavimentos. Fonte: GeoJundiá (2016). Edição e atualização dos levantamentos: Isabela DiMaio (2019); Jéssica Vaccari (2019).

Predominante nesta área é o uso comercial e serviços, os comércios estão mais concentrados no centro do mapa e os serviços distribuídos no entorno, atingindo 67% desta área, o uso residencial predomina nas extremidades do mapa com 8%, as praças ocupam uma boa parte com 18 %, enquanto 3% são institucionais e 10% em situação de abandono. A área no entorno do pavilhão predomina o uso residencial e serviços. Neste perímetro concentram-se também o maior número de usos institucionais do total edificado, que condiciona a um potencial cultural e fomenta a economia criativa.

Nesse sentido evidenciamos o desbalanceamento da região pelo uso dos edifícios e o percentual de terrenos em degradação é alto.

O estudo feito através dos levantamentos identificamos que se trata de uma área de excelente conservação, com poucos espaços em degradação e vazios que se distribuem ao entorno das praças.

Através do estudo de levantamento do gabarito desta área, constatamos uma evidente concentração de edifícios de porte médio e alto localizados no centro do mapa. Nas extremidades da área o gabarito é mais baixo, porém um pouco mais diversificado a nordeste do mapa.

Nessa busca interpretativa, a requalificação das praças e dos vazios urbanos, parte da necessidade de promover melhorias na qualidade de vida da população (requalificar), para que se retome o centro, por meio da implantação e recuperação de infraestruturas e equipamentos, como mobiliário urbano: bancos, postes, lixeiras entre outros, valorizando o espaço público com medidas de dinamização social, econômica e acessibilidade (Moura, 2006). Foram feitos também outros levantamentos concomitantes, que tomam por base os objetivos pretendidos para a proposição das ativações urbanas, destacam-se: a presença de fluxos peatonais, cruciais para quaisquer tomadas de decisão de projeto, possibilitando articular os caminhos e conectar as áreas de interesse; as áreas de concentração de pessoas, normalmente pontos de ônibus, que tornam motivo de permanência, ao contrário das praças que atuam apenas como local de passagem; e levantamento dos vazios urbanos, onde a seleção partiu de uma divisão lógica, pautada pela necessidade individual de cada local.

Por meio do estudo de levantamento do gabarito desta área, constatamos uma evidente concentração de edifícios de porte médio e alto localizados no centro do mapa. Nas extremidades da área o gabarito é mais baixo, porém um pouco mais diversificado a nordeste do mapa.

Nessa busca interpretativa, a requalificação das praças e dos vazios urbanos, parte da necessidade de promover melhorias na qualidade de vida da população (requalificar), para que se retome o centro, por meio da implantação e recuperação de infraestruturas e equipamentos, como mobiliário urbano: bancos, postes, lixeiras entre outros, valorizando o espaço público com medidas de dinamização social, econômica e acessibilidade (Moura, 2006). Foram feitos também outros levantamentos concomitantes, que tomam por base os objetivos pretendidos para a proposição das ativações urbanas, destacam-se: a presença de fluxos peatonais, cruciais para quaisquer tomadas de decisão de projeto, possibilitando articular os

caminhos e conectar as áreas de interesse; as áreas de concentração de pessoas, normalmente pontos de ônibus, que tornam motivo de permanência, ao contrário das praças que atuam apenas como local de passagem; e levantamento dos vazios urbanos, onde a seleção partiu de uma divisão lógica, pautada pela necessidade individual de cada local.

RESULTADOS

O Requalificar as sete praças do polígono histórico, dando uso específico para cada uma delas, significa, ao nosso ver, uma “des-contiuidade construtiva”. Nesse sentido, emerge o caráter do movimento intervalar da arquitetura contemporânea, pois cada uma delas apresenta autonomia em si (descontínuo), mas, em uma leitura interpretativa conjunta do espaço, elas se apresentam integradas cronologicamente pelas estações do ano (contínuo), com o intuito de sensibilizar as pessoas pelo movimento da floração das espécies ornamentais, indicando que tudo e todos são transitórios (Figura 04). As praças terão as cores que representam o sentido para o qual elas foram idealizadas. Pois cada cor tem um sentido.



Figura 04: Mapeamento das praças com propostas de intervenção. Verde: Praça Nascer; Laranja: Praça Criança; Amarelo: Praça Saber; Roxo: Praça Fórum; Azul: Praça Ser; Cinza: Praça Encontro; Vermelho: Praça Mirante. Fonte: GeoJundiaí (2016). Edição: Jéssica Vaccari (2019).

Praça Nascer, representada pela cor verde está associada a saúde e equilíbrio, oferecendo um espaço preparado para a meditação e contemplação, está principalmente direcionado aos usuários do setor médico próximo à área. O paisagismo é monocromático valorizado pelas texturas e formas das folhas.

Praça Criança, representada pela cor laranja está associada a alegria e entusiasmo, oferecendo um espaço preparado e destinado ao público infantil. Nela está localizada a estação de bicicletas. O paisagismo é valorizado pelas cores das flores, das plantas e árvores de tons laranja.

Praça Saber, representada pela cor amarelo está associada a luz e energia, oferecendo um

espaço de incentivo à cultura, pois está próximo ao Pavilhão Urbano. Nesta praça o foco é ser sala de estar como lounge ao ar livre. O paisagismo é valorizado pelas cores das flores, das plantas e árvores de tons amarelo.

Praça Fórum, representada pela cor roxa está associada a nobreza e sucesso, oferecendo um espaço voltado a acolher os usuários do fórum e todo entorno como ponto de encontro e momentos de relaxamento. O paisagismo é valorizado pelas cores das flores, das plantas e árvores nos tons roxos e lilás.

Praça Ser, representada pela cor azul está associada a espiritualidade e tranquilidade, oferecendo um espaço destinado a população do comércio, serviços e clientes da área central. Possui espaço reservado e destinado aos evangelistas que já utilizam a praça para evangelizações bíblicas. Nela está localizada a estação de bicicletas. O paisagismo é valorizado pelas cores das flores, das plantas e árvores nos tons azulados.

Praça Encontro, representada pela cor cinza está associada a neutralidade, está destinada a ser ponto de passagem com convite a pequenas paradas. O paisagismo é monocromático valorizado pelas texturas e formas das folhas e flores em tons cinzas e brancos.

Praça Mirante, representada pela cor vermelha está associada a emoção e confiança, por possuir uma topografia acidentada foram projetados vários platôs que se tornaram mirantes para proporcionar a vista da cidade. Este foi o primeiro uso a qual foi destinada e este trabalho busca resgatar essa memória. O paisagismo é valorizado pelas cores das flores, das plantas e árvores de tons vermelhos.

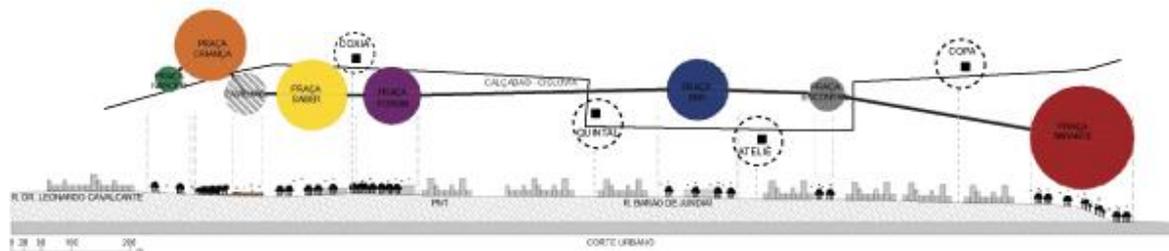


Figura 05: Corte situacional urbano: círculo verde: praça nascer; círculo laranja: praça criança; círculo hachurado: pavilhão; círculo amarelo: praça saber; círculo tracejado: edifício coxia; círculo roxo: praça fórum; círculo tracejado: edifício quintal; círculo azul: praça ser; círculo tracejado: edifício ateliê; círculo cinza: praça encontro; círculo tracejado: edifício copa; círculo vermelho: praça aventura. Fonte: Isabela DiMaio; Jéssica Vaccari (2019).

Por fim, elaboramos uma proposta de um Pavilhão Urbano que será, também, promotor de cultura, cidadania e interatividade. Idealizamos um corpo tectônico com o mínimo programa possível, subjulgado as funções básicas do abrigo e acolhimento, pelos banheiros e da própria cobertura, que atua como rampa-passarela e mirante, constantemente vindo a ser outra pela própria estrutura, e tem como o intuito principal vencer o desnível topográfico entre as ruas Dr. Odil Campos Sales e Dr. Leonardo Cavalcante, promovendo conectividade entre as pessoas e do meio urbano. Sob a égide dessa estrutura pavilionar, usos imprevistos que se utilizam de

estruturas efêmeras como feiras, barracas de alimentos e bebidas, exposições entre outros, estão previstos na aderência dessa perspectiva aberta de ocupação do edifício (Figura 06 e 07).



Figura 06: Implantação - Edifício Pavilhão. Fonte: Jéssica Vaccari (2019).



Figura 07: Perspectiva - Edifício Pavilhão. Fonte: Jéssica Vaccari (2019).

O mesmo intervalo, evidencia-se na implantação de um edifício, mas que está fragmentado pelos vazios urbanos selecionados, atuando na semelhança da unidade de vizinhança de um conjunto (Figura 08). Pela mediação do mesmo, articula o fluxo peatonal por meio de um programa com salas para aulas livres, estúdio de ensaios, jardim, ateliê público para artistas, oficinas de trabalhos manuais e espaços para refeições coletivas, conectando seus fragmentos com os espaços públicos da região, criando um suporte a população e atraindo o público. Ao frequentar esses espaços em diferentes horários, oferece oportunidades adaptativas de convívio, lazer e interação social com programação cultural espontânea, contribuindo assim, para o desenvolvimento da área central.



Figura 08: Traçado do percurso e pontos de pausa. Fonte: GeoJundiaí (2016). Edição: Isabela DiMaio (2019).

Essa arquitetura intervalar permite ao usuário editar tempos distintos e locais de parada, na articulação (espaço-tempo). É uma arquitetura que, embora instável no tempo, reorganiza a dinâmica da cidade de acordo com os desejos e as manifestações de apropriação, ou formas de ocupar o espaço, pelo usuário espontâneo.

Os diferentes usos para esse tipo de edifício fragmentado, foram de encontro à proposta de Alexander et al. (2013), que recomendam que haja uma mistura de funções e que abram espaços para ações propostas pela população. Portanto, o conceito parte da ideia do edifício

ser uma extensão da cidade, sendo a cidade, palco do que acontece dentro dos edifícios. A seleção dos terrenos cria ritmo através da distância entre os projetos, onde cada vazio surge como uma pausa a cada cinco minutos de caminhada pelo percurso, e a distância entre eles determina que não haja circulação diferente do que a própria rua. E apesar da sua fragmentação, suas diferentes funções se completam, e o edifício permanece como um edifício único.



Figura 09: Ativações urbanas – Equipamentos públicos de pequeno porte. Mobiliários: bancos modulares, banco e mobiliário portátil; serviços digitais; sinalização; tratamento de piso e cores; iluminação; projeções; painéis e jardins verticais; balizadores; instalações temporárias: máquinas de comodidades, centro de informações e apoio, comida de rua, lixeiras, banheiros públicos; equipamentos de atividades físicas; atividades lúdicas; estações de bicicletas compartilhadas / paraciclôs; ciclovia. Fonte: GeoJundiaí (2016). Fonte: Isabela DiMaio (2019).

Buscou-se por meio da implantação de equipamentos públicos de pequeno porte dispersos pela região, o estímulo ao uso do espaço público em diversos horários, mantendo uma dinâmica constante nas ruas desse território selecionado. Essas proposições, são indicativos de um movimento de ressignificação da área central, resgatando a identidade local, valorizando a história da cidade e preservando a memória coletiva, com o objetivo de revitalizar os espaços físicos e a urbanidade. O resultado conjunto sintetizado aparece no mapa abaixo (Figura 10)



Figura 10: Proposta Final: Conjunto sintetizado. Fonte: GeoJundiaí (2016). Edição: DiMAIO, Isabela; VACCARI, Jéssica (2019).

Todos esses pontos de intervenção buscam conexão entre a cidade e as pessoas, para que nasça um novo centro, um centro que busca ressensibilizar a maneira de como as pessoas se relacionam com o espaço e como elas promovem esse diálogo urbano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fundamental nesta investigação foi explorar, em termos projetuais, o despertar de olhares mais próximos dos transeuntes à urbanização central. Direcionar esses espaços à escala humana, permitindo a arquitetura e urbanismo ser o veículo de transformação ao promover qualidade de vida por meio de espaços planejados para as pessoas.

O programa desenvolvido para estas áreas de requalificação, buscam espaços fragmentados, a princípio, desconectados, tornando-se contínuos através de uma leitura espacial que busca transformar o centro, um pretexto, num espaço de sensibilização do olhar, pela fluidez e permeabilidade, criando assim uso das áreas públicas com diversidade.

A criação de espaços públicos internos, voltados para o âmbito da produção cultural e sociabilidade, foi pretendido pela permeabilidade do lote, tornando-o articulado pela rua e em continuidade. Esse ideário urbanístico não é futurista, trata-se de um retorno ao passado pela busca de uma melhor humanização central sob a essência do viver.

Não sendo um trabalho findado em si, deixamos aqui nossa proposta, sendo mais uma dessas finalizações que guarda, em si, vontades e ambições para o futuro melhor que está por vir.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos professores internos Carolina Maria Bergamini Lima e Flavia Tarricone Jimenez; aos externos Ana Paula Momose Guimarães e Rafael Antonini, que, como membros na banca final de graduação, teceram importantes considerações que se sintetizam nesta

apresentação.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Douglas. **Urbanidade e a qualidade da cidade**. Arqtextos, São Paulo, ano 12, n. 141.08, Vitruvius, mar. 2012 <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/12.141/4221>>.
- ALEXANDER, C.; ISHIKAWA, S.; SILVERSTEIN, M.; JACOBSON, M.; FIKSDAHL-KING, I.; ANGEL, S. **Uma Linguagem de Padrões. A Pattern Language**. Porto Alegre: Bookman. 2013.
- BUCCI, A. **São Paulo, razões de arquitetura. Da dissolução dos edifícios e de como atravessar paredes**. São Paulo: Romano Guerra Editora. 2010.
- DERRIDA, J. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva. 1973.
- DiMAIO, I. **Pré-textos espaciais: requalificando e potencializando percursos e espaços**. Trabalho de Conclusão de Curso (Arquitetura e Urbanismo) – apresentado à Universidade Paulista – UNIP, Campus 44 – Jundiaí/SP. 2018.
- GEHL, J. **Cidades para pessoas**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva. 2015.
- GUATELLI, I. **Arquitetura dos entre-lugares: sobre a importância do trabalho conceitual**. São Paulo: Editora Senac. 2012.
- JUNDIAÍ, P. M. **Definição do Polígono Cultural, Lei 8683**. 2016. Disponível em: <https://planodiretor.jundiai.sp.gov.br/lei-8683-2016/> (acesso em: 20/10/2019)
- _____. **GeoJundiaí. Mapa Digital da Cidade**. 2016. Disponível em <<https://geo.jundiai.sp.gov.br/geojundiai/AeroHistorico.jsp>> Acesso 20/10/2019.
- MOURA, D. et. al. **A revitalização urbana: contributos para a definição de um conceito operativo**. In: **Cidades, Comunidades e Territórios**. 2006. Disponível em <https://repositorio.iscte.pt/bitstream/10071/3428/1/Cidades2006-12-13_Moura_al.pdf> Acesso em 14/03/2018.
- PESSOA, Denise Falcão. **Desafios do desenho urbano para a cidade contemporânea**. Arqtextos, São Paulo, ano 16, n. 192.06, Vitruvius, maio 2016 <<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/16.192/6063>>.
- QUEIROGA, E. **A megalópole e a praça: o espaço entre a razão de dominação e a razão comunicativa**. Tese (Doutorado em arquitetura e urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. 2001.
- VACCARI, J. **Des-continuidades construtivas: edificando pracialidades**. Trabalho de Conclusão de Curso (Arquitetura e Urbanismo) – apresentado à Universidade Paulista – UNIP, Campus 44 – Jundiaí/SP. 2017.